

## ***Frères Migrants*, de Patrick Chamoiseau, e os vaga-lumes na noite mediterrânea**

*Frères Migrants*, by Patrick Chamoiseau, and the fireflies in the Mediterranean night

**Danielle Grace\***

### **Resumo**

Ao alternar escrito poético e manifesto político, Patrick Chamoiseau, no livro *Frères Migrants* (2017), entrelaça ao discurso metapoético o olhar lançado às conformações político-econômicas da atualidade, chamando atenção à situação dos imigrantes na Europa. Sem perder de vista o constante diálogo com Édouard Glissant, a quem credita uma certa função de mentor poético e parceiro político-filosófico, o autor também apresenta reiteradas menções ao poeta italiano Pier Paolo Pasolini e à célebre imagem dos vaga-lumes. É possível notar também alusões a Aimé Césaire, que, por sua vez, foi um interlocutor poético de Pasolini. Nesse livro proteiforme, tais personagens literários refletem uma escrita poética que busca inscrever-se sob as insígnias do político.

### **Palavras-chave**

Migração. Patrick Chamoiseau. Literatura antilhana. Poesia e política.

### **Abstract**

By alternating poetic writing and political manifest, Patrick Chamoiseau, in the book *Frères Migrants* (2017), interweaves to the metapoetic discourse the look cast at today's political-economic conformations, calling attention to the situation of immigrants in Europe. Without losing sight of the constant dialogue with Édouard Glissant, to whom he credits a certain role as a poetic mentor and political-philosophical partner, the author also repeatedly mentions the Italian poet Pier Paolo Pasolini and the famous image of the fireflies. It is also possible to note allusions to Aimé Césaire, who, in turn, was a poetic interlocutor of Pasolini. In this protean book, such literary characters reflect a poetic writing that seeks to inscribe itself under the insignia of politics.

### **Keywords**

Migration. Patrick Chamoiseau. Antillean literature. Poetry and politics.

---

\* Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Um leitor dos romances de Chamoiseau, habituado às temáticas de livros como *Texaco* ou *L'esclave vieil homme*, ao folhear as primeiras páginas de *Frères Migrants*, se sentirá, talvez, surpreso. Deparar-se-á com uma narrativa poética que se abre para um contexto aparentemente diferente das outras obras do romancista martinicano. Logo no início, é possível perceber também duas atmosferas distintas que, ao longo do livro, se transformam na questão central da obra. O primeiro é um conjunto de epílogos que tem em comum a luminescência de vaga-lumes sob a noite escura. Imagem eminentemente poética que Pier Paolo Pasolini trouxe à cena em seus escritos dos anos 1970. Em um segundo momento, ao adentrar no texto propriamente dito, o leitor é apresentado a duas personagens, Hind, “a que filma”, e Jane, “a que escreve” (CHAMOISEAU, 2017, p. 14), que não protagonizam uma história, mas servem como interlocutoras do narrador, sorte de testemunhas que o auxiliam na reflexão sobre os horrores que levam morte e miséria aos imigrantes que atravessam o Mediterrâneo.

Você me diz, Hind, que é preciso ver de manhãzinha essas violências de guerra, essas dispersões a gás e a cassetetes, a astúcias e a mentiras, pela vergonha pela indignidade e pela humilhação, em plena luz do dia, da parte das cidades da Europa, na Paris das luzes, em terra de uma das primeiras filhas da emancipação! (CHAMOISEAU, 2017, p. 33, tradução nossa)<sup>1</sup>

O lugar em que se situam as personagens, como se pode ver, é a Paris contemporânea. No decorrer do livro, ressaltam-se alguns fatos ocorridos entre os anos de 2015 e 2016, período em que inúmeros acontecimentos puseram em evidência a difícil situação dos imigrantes e refugiados em todo o mundo. Época também em que os jornais estamparam a foto do pequeno Aylan (2015), menino sírio encontrado morto, em setembro de 2015, após o naufrágio de uma embarcação que tentava atravessar o Mediterrâneo. Contudo, antes de nos determos na temática da imigração via a obra de Chamoiseau, faz-se necessário um retorno no tempo até a Europa da segunda metade do século XX, mais precisamente, à Itália de 1975.

Em seu famoso artigo dos vaga-lumes, publicado meses antes de sua morte, Pasolini (2020) escreve sobre as implicações de uma nova era da política em seu país. Para isso, serve-se de um vocabulário próprio ao universo político da época.

---

<sup>1</sup> Tu me dis, Hind, qu'il faut voir dans les petits matins ces violences de guerre, ces dispersions à gaz et à matraques, à ruses et à mensonges, par la honte par l'indigne et par l'humiliation, en plein jour, de par les villes d'Europe, dans Paris des lumières, en terre d'une fille aînée de l'émancipation! (CHAMOISEAU, 2017, p. 33).

Primeiramente, refere-se a um texto “intervenção” (PASOLINI, 2020, p.162), também de caráter político, escrito por Franco Fortini e publicado em *L'Europeu*, em dezembro de 1974. Em seguida, cita o partido democrata-cristão e o regime fascista em uma análise que pretende expor os meandros de uma política que, apesar de declarar-se inimiga do fascismo, mostra-se ainda mais destrutiva. Uma entrada, portanto, eminentemente comprometida com o discurso político de seu tempo, fazendo jus, aliás, ao título original do artigo<sup>2</sup>: “O vazio do poder na Itália”.

Todavia, embora não renuncie, de todo, ao vocabulário político, o texto ganha outros ares nos parágrafos seguintes. Aponta para uma suspeita, através da qual o autor pretende expor a situação político-econômica da Itália: “há uma dezena de anos ‘alguma coisa’ se passou. ‘Alguma coisa’ que não existia e nem era previsível [...] nem mesmo um ano antes que acontecesse (ou melhor, como veremos, nem mesmo quando acontecia)” (PASOLINI, 2020, p. 162). Essa “alguma coisa” de que fala o poeta italiano vai se revelar, mais adiante, como um fenômeno, aparentemente, distante da esfera política. Abdicando do léxico anterior para se embrenhar em uma imagem de predominância poética, Pasolini (2020) explica: “chamarei portanto essa ‘alguma coisa’ que ocorreu há uma dezena de anos de ‘desaparecimento dos vaga-lumes’” (p. 163).

Esses insetos, impressionantes por sua capacidade de emitir luz própria para atrair parceiros em brilhantes rituais de acasalamento, são lembrados, aqui, pelo espetáculo de beleza e fascínio que proporcionavam em noites de verão na Itália da década de 1940. Como argumenta o poeta, o fenômeno de extinção desses insetos está atrelado à crescente destruição dos recursos naturais: “No início dos anos 60, por causa da poluição do ar e principalmente, no campo, por causa da poluição da água (dos rios azuis e regos transparentes), os vaga-lumes começaram a desaparecer” (PASOLINI, 2020, p. 163). É consenso entre os cientistas que a poluição luminosa das grandes cidades ocasionada pela ocupação humana desenfreada é também um dos grandes fatores de extinção de insetos. Porém, longe de ser um fato sem consequências para a vida humana, o desaparecimento dos vaga-lumes sinaliza, para Pasolini, o processo de coisificação do homem. Representa, na verdade, a derrota do humano frente ao mercado e ao lucro. Entretanto, como assinala, trata-se

---

<sup>2</sup> O artigo, escrito em 1975, ficou conhecido como “O artigo dos vaga-lumes”, mas originalmente o título é “Il vuoto del potere in Italia” [O vazio do poder na Itália].

de sinais que passaram ao largo da compreensão de seus contemporâneos mais atentos.

De fato, nem o grande país que estava se formando dentro do país – isto é, a massa operária e camponesa que estava sendo organizada pelo PCI – nem os intelectuais mais avançados e críticos tinham percebido que “os vaga-lumes estavam desaparecendo”. Mantinham-se bem informados pela sociologia [...], mas eram informações ainda não vividas, essencialmente formais. (PASOLINI, 2020, p. 164)

A perspicácia do texto de Pasolini deve-se, no entanto, menos ao fato de compreender a faceta oculta do regime capitalista, que se instaura na Itália do pós-guerra, e mais em se apropriar de um recurso estético para pôr em evidência as consequências pouco óbvias de um mecanismo político devastador. Os vaga-lumes pasolinianos reúnem, na mesma construção metafórica, significantes antagônicos, confundem as fronteiras entre o simbólico e o concreto, embaçando também as delimitações entre o que se refere a ações políticas e o que se entende como poético. No que representa em termos de ausência, apontando para o sumiço dos insetos, a imagem denuncia a vulnerabilidade das culturas populares. Estas, que teriam resistido, bravamente, aos duros golpes do fascismo, sucumbem agora às telas luminosas das propagandas e, como vaga-lumes, se tornam para o poeta “uma lembrança, bastante dilacerante, do passado” (PASOLINI, 2020, p. 163). Desse modo, Pasolini escolhe tratar a realidade através da literatura, vendo na atitude “poético-literária” (2020, p. 163) um dispositivo capaz de intervir nos mecanismos políticos.

Em *Frères Migrants*, percebe-se um ambiente literário análogo ao do artigo dos vaga-lumes. Chamoiseau (2017), que não é poeta, como ele insiste em ressaltar, encarna esse papel e recorre à poesia para, ao lado da poética relacional de Glissant, combater o que identifica como o inadmissível no mundo, ou, nas palavras de Pasolini, o “genocídio” (2020, p. 164) que se instala pela lógica capitalista.

Pasolini tinha razão de se atormentar assim diante de uma noite política italiana que parecia triunfante. Uma noite similar nos devora, sem alarme, insensível, invisível, até subitamente ganhar encarnação arguciosa sob uma mecha loira aos comandos da nação mais poderosa dos homens. (CHAMOISEAU, 2017, p.17)

Nesse trecho de *Frères Migrants*, a referência a Pasolini, em sua “noite política italiana”, nos conduz ao cerne da questão discutida no “Artigo dos vaga-lumes”. Dizendo de outra forma, faz alusão às forças do consumo e da corrida pela produção desenfreada que estruturam o regime capitalista, motivo pelo qual a cultura e o povo

italiano teriam se degenerado: “Vi pois ‘com meus próprios sentidos’ o comportamento imposto pelo poder do consumo recriar e deformar a consciência do povo italiano” (PASOLINI, 2020, p. 166).

A alusão a Pasolini permite deduzir o modo como Chamoiseau (2017) percebe a situação política na contemporaneidade: “Uma noite similar nos devora, sem alarme, insensível, invisível” (CHAMOISEAU, 2017, p. 17). O período de referência nesse trecho é o que conduziu os italianos “da ‘fase dos vaga-lumes’”, ou seja, da existência deles, à fase de seu desaparecimento. Momento devastador que, segundo Pasolini (2020), só teve por precedente a Alemanha de antes de Hitler. No rastro dessa comparação, a “padronização violenta” dos “valores das diversas culturas particulares” (PASOLINI, 2020, p. 165) reduziria a relação com o outro à manipulação de “enormes massas” (PASOLINI, 2020, p. 165) consumidoras.

Para Chamoiseau, tudo se passa como se o fenômeno de tempos anteriores se repetisse na contemporaneidade através da condição imposta a imigrantes e refugiados. Onde Pasolini identificou camponeses e artesãos transformados em consumidores ávidos, Chamoiseau vê uma comunidade mundial transmutada em números, algoritmos rastreáveis nas plataformas digitais, como ele explica em diálogo com Hind.

A globalização deles não previu o advento do humano. Ela previu apenas consumidores. Sobre suas plataformas, o humano-consumidor não é exatamente humano. É apenas um simples dado a ser alimentado de desejos, a ser coberto de serviços. Armazenados por uma profusão de cookies [...], suas referências são vendidas em leilão, seu valor se resume a seu poder de compra, sua presença sobre essa terra se concebe apenas nos acessos comerciais de seu eu-numérico. (CHAMOISEAU, 2017, p. 33, tradução nossa)<sup>3</sup>

A globalização, tomada pelo autor em sua esfera simbólica, ou seja, naquilo que ela mobiliza no real de possibilidades de ser no mundo, é fundamental para entender os parâmetros nos quais Chamoiseau insere a crise universal da imigração. Na racionalidade capitalista e neoliberal, pessoas se tornam dados cujo “poder de compra” concede-lhes um lugar socio-identitário, um “eu-numérico”, composto pela ânsia do consumo e do lucro ilimitados: “ganhar mais que ontem, sempre bem mais

---

<sup>3</sup> “Leur mondialisation n’a pas prévu le surgissement de l’humain. Elle n’a prévu que des consommateurs. Sur leurs plates-formes, l’humain-consommateur n’est plus vraiment humain. Ce n’est qu’une simple donnée à remplir de désirs, à couvrir de services. Engrangées par une nuée de cookies [...], ses références sont vendues à l’encan, sa valeur se résume à son pouvoir d’achat, sa présence sur cette terre ne se conçoit que dans les accès commerciaux de son moi-numérique” (CHAMOISEAU, 2017, p. 33).

que anteontem, crescer sem cessar para sem cessar acumular sem cessar”<sup>4</sup> (CHAMOISEAU, 2017, p. 34, tradução nossa).

Ao examinar as implicações da globalização do mundo, Chamoiseau vai tomar de empréstimo a perspectiva de Glissant (1997; 2005), para quem os meios de dominação, antes atribuídos a alguns países e suas políticas, ganham proporções mais fluidas, menos contornáveis com a internacionalização e dispersão do poder econômico. Antes centralizado nas mãos de impérios hegemônicos, com a globalização, o domínio geopolítico se transverte em grandes corporações anônimas. Nas palavras de Glissant, “não é apenas a economia dos Estados Unidos ou do Canadá que oprime. São as multinacionais, ou seja, círculos cuja conferência está em toda parte e cujo centro não está em parte alguma” (2005, p. 122).

Decerto, a dinâmica da globalização, ao dar soberania ao modelo capitalista de concentração de riquezas, é alvo de muitos questionamentos no campo das ciências humanas, do mesmo modo que a relação entre multinacionais e a exploração dos recursos ambientais e humanos ocupam espaços de debates cada vez mais significativos na sociedade. Em *Frères Migrants* (2017), a discussão em torno desse tema pretende refletir sobre o papel das artes, sobretudo da literatura, na vida contemporânea marcada pelas inovações digitais. Chamoiseau vai se ocupar, então, do que ele considera como o inaceitável para, através da escrita poética, forjar sua interferência nos possíveis.

Tudo se resume um pouco nisso: as frustrações, as pobreza e as misérias que invadem a mente. O que há de desesperado na invasão das fronteiras pode em um outro contexto assaltar as urnas, riscar de irracional o céu democrático. Se sociedades, instituições, Estados, níveis de consciência, intensidades incríveis de comunicação são capazes de aceitar as catástrofes migrantes, é que esse inaceitável já prospera no nosso cotidiano. Há partes de Trump em cada um de nós, com mais ou menos intensidade, de modo mais ou menos virulento. Trump está aqui, de uma maneira ou de outra, naquilo que aceitamos e que nos deixa indiferentes, ou que nos parece normal. (CHAMOISEAU, 2017, p. 73-4, tradução nossa)<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> “gagner plus que la veille, toujours bien plus que l’avant-veille, croître sans cesse pour sans cesse accumuler sans cesse” (CHAMOISEAU, 2017, p. 34).

<sup>5</sup> “Tout se résume un peu là: les frustrations, les pauvretés et les misères qui s’en prennent à l’esprit. Ce qu’il y a de désespéré dans l’assaut aux frontières peut dans un autre contexte assaillir les urnes, zébrer d’irrationnel le ciel démocratique. Si des sociétés, des institutions, des États, des niveaux de conscience, des intensités inouïes de communication sont capables d’accepter les catastrophes migrantes, c’est que cet inacceptable prospère déjà dedans leur quotidien. Il y a des bouts de Trump en chacun de nous, à plus ou moins forte densité, de sorte plus ou moins virulente. Trump est là, d’une manière ou d’une autre, dans ce que nous acceptons ou qui nous indiffère, ou qui nous semble normal” (CHAMOISEAU, 2017, p. 73, 74).

Seguindo os sinais desses escritores, é preciso ressaltar que por mais que a globalização esteja inscrita em um panorama de horror autorizado por grupos de poder, ela se estrutura a partir de uma partilha de consentimentos. Nesse sentido, a temática da globalização permite não somente a forja de uma linguagem denunciativa, mas também a elaboração de uma engrenagem estética. Tendo essa perspectiva em vista, Chamoiseau recorre, mais uma vez, a Glissant e a seu conceito de “globalidade” [*mondialité*], fenômeno que, no seio do mundo globalizado, permite subverter a lógica capitalista, desestabilizando as forças de equilíbrio que o sustenta para daí reverter o processo de colonização dos desejos.

Assim, no coração dessas trevas, o que não foi previsto, o que se afirma sobre seus letreiros de intensidade amidalar, é que embaixo dessa globalização, tal qual o traço sublimado de um cometa, se abre a globalidade de que falou Glissant. (CHAMOISEAU, 2017, p. 34, tradução nossa)<sup>6</sup>

A globalidade tensiona a ideia de que na diversidade possa haver uma relação estática entre as culturas ou mesmo de sujeição de uma sobre outras. Na verdade, longe de uma categorização antropológica ou uma análise socioeconômica, a reflexão desses autores parece situar a questão em outra esfera de valores. Trata-se de perceber uma poética da relação que se nutre no caos. Isso quer dizer que na rede de diversidade engendrada por um mundo globalizado, as relações harmônicas são tão possíveis quanto mais elas se intensificam nessa globalização, sem reservas nem prevalências. Tomando como ponto de partida a *Poética da Relação* (GLISSANT, 1990), Chamoiseau vai posicionar a problemática do imigrante em outra perspectiva. Não se trata, portanto, de reivindicar sua integração à cultura do país de destino, mas antes, de vê-lo como o agente de uma interrelação que ultrapassa a lógica de domínio do capitalismo. Chamoiseau (2017) vai entender essa operação como a função mesmo da globalidade, em que o migrante, através de uma espécie de economia da troca, seria aquele que borra os contornos do outro ao mesmo tempo em que nele dissolve os de si mesmo.

A globalidade é sobretudo o que a globalização econômica não considerou, que surge e se produz em uma série de lampejos em uma onda tenebrosa. É o

---

<sup>6</sup> “Et donc, au cœur de cette ténèbre, ce qui n’a pas été prévu, qui s’affirme sur ces pancartes d’intensité amygdalienne, c’est que dessous cette mondialisation, tel le sillage sublimé d’une comète, s’ouvre la mondialité dont a parlé Glissant” (CHAMOISEAU, 2017, p. 34).

inesperado humano – poeticamente humano – que resiste a ela, a ultrapassa, e que recusa desertar o mundo! (CHAMOISEAU, 2017, p. 35, tradução nossa)<sup>7</sup>

Nesse contexto, o poético aparece como símbolo de intervenção, que restitui o homem à sua humanidade. Ainda em diálogo com Glissant, para quem o poeta é aquele que, escrevendo em uma língua, não pode fazê-lo senão “em presença de todas as línguas do mundo”<sup>8</sup>, Chamoiseau aponta para a função da arte e da literatura. Nessa perspectiva, a figura do poeta representa a força artística de imaginar novos horizontes para a humanidade, pois, ao ser capaz de transformar a língua em um relicário de existências harmônicas com figurações e sentidos advindos de todos os idiomas, o poeta é um transmissor da diversidade.

Sim, nessa noite, sobre essa jangada, debaixo desse horizonte glacial, no coração dos abrigos trêmulos, de acampamentos e bivaques, destruídos a cada instante recomeçados sempre, na Europa, mas também na Ásia, na África, em terras caribenhas e nas Américas, o que vocês dizem, minhas caras [Hind e Jane], desencadeia nas geografias do vento, faíscas de sal, faíscas de céu, uma estranha conferência de poetas... (CHAMOISEAU, 2017, p. 16, tradução nossa)<sup>9</sup>

Ao lado da figura do poeta, o autor dispõe outro representante capital dessa poética da alteridade. O vocábulo *migrante*, que compõe o título do livro, reaparece como personagem paradigmático da transmutação da globalização em globalidade. Preferindo a forma sem desinência da palavra, contrariamente ao que se poderia supor pelo tema do livro e os relatos de situações de imigração, o escritor acaba por fazer um deslocamento sutil, mas fundamental para a compreensão de sua poética. Pela falta do prefixo “i-” (que indica para dentro) ou do prefixo “e-” (para fora), a palavra não informa qualquer direção, assim como não especifica a posição geopolítica do falante em relação àquele que se desloca: “Nenhum migrante transporta um país, uma cultura, um absoluto de língua, uma religião completa. Unicamente as combinações

---

<sup>7</sup> “La mondialité, c’est surtout ce que la mondialisation économique n’a pas envisagé, qui surgit et se produit sur la gamme d’un brasilement dans un vrac ténébreux. C’est l’inattendu humain – poétiquement humain – qui leur résiste, les outrepassé, et qui refuse de déserté le monde!” (CHAMOISEAU, 2017, p. 35).

<sup>8</sup> “en présence de toutes les langues du monde” (GLISSANT, 2009, p. 80).

<sup>9</sup> “Oui, dans cette nuit, sur ce radeau, dessous cet horizon glacé, au cœur des abris frissonnants, des camps et des bivouacs, détruits à chaque instant recommencés toujours, en Europe, mais aussi en Asie, en Afrique, en terre des Caraïbes et des autres Amériques, ce que vous dites, mes chères, déclenche dans les géographies du vent, en étincelles de sel, en étincelles de ciel, une étrange conférence de poètes...” (CHAMOISEAU, 2017, p. 16)

úteis para a sua sobrevivência: a alquimia da globalidade onde se abrevia sua visão” (CHAMOISEAU, 2017, p. 61, tradução nossa)<sup>10</sup>.

O migrante é, portanto, aquele que se coloca em direção ao mundo, se movimenta para além dos limites do fora e do dentro. Por essa razão, ele é o transportador da globalidade, pois que no exercício permanente de exposição ao outro, ele aprofunda e renova relações profícuas de alteridade. Uma posição, claramente, contrária às forças que transformam pessoas em produtos à venda.

*Eles recusam os migrantes porque os migrantes não os deixam o mundo. Os migrantes o retomam deles. Surgidos de uma das nascentes da globalidade, eles nos o oferecem em seu pulsar, em seus saltos, por seu sangue por seus mortos, pela extensão de suas vidas, pelos ventos e balan<sup>11</sup> – pelo infinito da palavra A-C-C-U-E-I-L que eles nos forçam a soletrar em todas as línguas do mundo. Kay mwen sé kay-ou tou!<sup>12</sup> (CHAMOISEAU, 2017, p. 37, grifos do autor, tradução nossa)<sup>13</sup>*

A palavra “accueil”, que pode ser traduzida por “recepção”, mas que também guarda a ideia de acolhimento, é lembrada, aqui, por suas circunstâncias de uso. De um lado, designa balcão de informação, recepção em estabelecimentos comerciais ou, na internet, a página principal de um site. De outro, refere-se à ação de acolher, dar refúgio, abrigar e proteger alguém. O migrante é, então, através da escrita de Chamoiseau, aquele que se confunde com o poeta pela sua vocação de mundo. O *poeta-migrante* reaviva camadas semânticas, ordena os sentidos em relação aos contextos, reacomoda as partes, no amálgama de alteridades de que é composto o humano. Trata-se, na verdade, de um mecanismo poético que transforma desesperança em sobrevivência.

Césaire propunha não se desesperar, como faziam frequentemente os camponeses crioulos. Avançando pelas trilhas noturnas, eles se viam envoltos de um voo de *bêtes-à-feu*<sup>14</sup> que não clareavam nem céu nem terra, e não iluminavam caminho nenhum. [...] Césaire enfatizava a que ponto esses pequenos lampejos vivos eram

<sup>10</sup> “Aucun migrant ne transporte un pays, une culture, un absolu de langue, une religion complète. Uniquement les combinaisons utiles à sa survie : l’alchimie de la mondialité où s’abreuve sa vision” (CHAMOISEAU, 2017, p. 61).

<sup>11</sup> Palavra em língua crioula, quer dizer objetos suspensos que se movem ao ritmo do vento, móveis.

<sup>12</sup> Expressão em crioulo que tem correspondência em várias línguas e significa em tradução literal para o português “minha casa, sua casa”.

<sup>13</sup> “*Ils refoulent les migrants parce que les migrants ne leur laissent pas le monde. Les migrants le leur reprennent. Surgis d’un des ressorts de la mondialité, ils nous l’offrent dans leurs bonds, dans leurs sauts, par leur sang par leurs morts, par leur surcroît de vie, par les vents et balans – par l’infini du mot A-C-C-U-E-I-L qu’ils nous forcent à épeler dans toutes les langues du monde. Kay mwen sé kay-ou tou!*” (CHAMOISEAU, 2017, p. 37, grifos do autor).

<sup>14</sup> *bêtes-à-feu* são insetos luminescentes da família dos vaga-lumes muito comuns nas Antilhas.

bem mais preciosos que os grandes projetores. (CHAMOISEAU, 2017, p. 76, tradução nossa)<sup>15</sup>

Ao lembrar as proposições de Césaire, nessa exortação do poeta ao povo, Chamoiseau (2017) retoma a perspectiva interpretativa de seu conterrâneo. Tal referência guarda um nítido diálogo com os vaga-lumes de Pasolini, pontuando, todavia, uma diferença primordial. Até agora, foi possível pensar os insetos como aquela “alguma coisa” que desapareceu, deixando em seu lugar o próprio vazio. Os vaga-lumes de Pasolini metaforizavam a diversidade cultural perdida, os gestos do povo que o cineasta tanto venerava: “amava esse povo italiano [...]. Tratava-se de um amor real, enraizado no meu modo de ser” (PASOLINI, 2020, p. 165, 166). No entanto, a imagem pasoliniana traz uma ambivalência curiosa, pois, ao falar do inseto pela ausência, enfatizando o que se perdeu no rastro de um desaparecimento, acaba por performar sua presença.

Tal dimensão simbólica é captada por Georges Didi-Huberman (2009), em *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Em uma passagem deste ensaio, inspirado na metáfora de Pasolini, o escritor francês fala de imigrantes afegãos e iraquianos, que apareciam nas noites escuras das filmagens de Laura Waddington, comparando-os com feixes de luz, “*imagens-vaga-lumes*: imagens no limiar do desaparecimento, sempre movidas pela urgência da fuga” (DIDI-HUBERMAN, 2009, p. 156, grifo do autor). Desse modo, Didi-Huberman atribui aos vaga-lumes um sentido de resistência que não havia com Pasolini. Na aproximação entre insetos em extinção e migrantes em fuga, a identificação de pontos de luz captados pela câmera performa a própria ideia de sobrevivência.

Mas, nas margens, isto é, através de um território infinitamente mais extenso, caminham inúmeros povos sobre os quais sabemos muito pouco [...]. *Povos-vaga-lumes*, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do ‘reino’, fazem o impossível para firmar seus desejos, emitir seus próprios lampejos e dirigi-los a outros. (DIDI-HUBERMAN, 2009, p. 155, grifos do autor)

Em *Frères migrants*, é possível notar também um deslocamento em relação ao universo metafórico do “Artigo dos vaga-lumes”. Certamente, como vimos, o livro

---

<sup>15</sup> “Césaire proposait de ne pas désespérer, comme le faisaient souvent les paysans créoles. Avancé par les sentiers de nuit, ces derniers se voyaient environnés d’un vol de bêtes-à-feu qui n’éclairait ni le ciel ni la terre, et n’ouvrait de perspective à aucun vrai chemin. [...] Césaire soulignera à quel point ces petites lueurs vivantes étaient bien plus précieuses que les grands projecteurs” (CHAMOISEAU, 2017, p. 76).

recoloca em cena o poder destrutivo da lógica de consumo que, na atualidade, se expande com as tecnologias e o domínio da racionalidade neoliberal. Mas não é nessa esteira que a imagem é solicitada por Chamoiseau, nem mesmo no sentido positivado, em que, a partir dos insetos, Pasolini enfatiza a riqueza das culturas populares. O autor martinicano confere à metáfora a densidade de uma alegoria, que, no conjunto semântico a que se inscreve, transmuta-se no signo da esperança. Atravessado, notadamente, por Didi-Huberman (2009), mas recuperando, sobretudo, a leitura de Césaire (2017), autores, aliás, que ele cita em sua sessão de epílogos do início do livro, Chamoiseau vai interpretar as aparições desses insetos como sinal de uma mudança que desponta no horizonte. Relação bem próxima da que Césaire realizou em seus poemas dos anos 1990, como pode-se verificar nesta passagem que compõe a antologia *Comme un malentendu de salut*, de 1994.

[...]  
e eram vales no fundo dos quais  
a Esperança agitou os frágeis penachos das canas de açúcar de janeiro

Louis Delgrès eu te nomeio

e extraíndo do silêncio o substrato desse nome  
atinjo na espessura exata da noite  
um apiário extasiado de vaga-lumes... [...].<sup>16</sup> (CÉSAIRE, 2017, p. 612, tradução nossa)

Nesse trecho, pode-se perceber como os vaga-lumes são indícios da salvação, confirmando a chegada da resistência<sup>17</sup>. O ambiente de silêncio e de escuridão de onde emergem os insetos “extasiados” (CÉSAIRE, 2017, p. 612) permite entendê-los como metáfora da própria esperança surgindo do adverso. Nessa obra, alguns outros poemas retomam, bem brevemente, a imagem dos pirilampos como luminescências na noite sombria. Já em “Vertu des lucioles”, o poeta dedica um poema inteiro aos insetos, esforçando-se para transformar o desespero do vazio em virtude de espera: “Não se desesperar pelos vaga-lumes / Reconhecia nisso uma virtude / Esperá-los, segui-los” (CÉSAIRE, 2017, p. 826).

---

<sup>16</sup> “[...] et ce furent des vallées au fond desquelles / l’Espérance agite les panaches fragiles des cannes à sucre de janvier/ Louis Delgrès je te nomme / et soulevant hors silence le socle de ce nom / je heurte la précise épaisseur de la nuit / d’un rucher extasié de lucioles... [...]” (CÉSAIRE, 2017, p. 612).

<sup>17</sup> Nascido na Martinica em 1766, Louis Delgrès foi um revolucionário antiescravagista que fez parte da resistência contra Napoleão em Guadalupe.

No final do “Artigo dos vaga-lumes”, as palavras de lamento do poeta italiano dão o tom não somente do vazio e da perda de potência que representa o desaparecimento dos vaga-lumes, mas também da importância de sua presença. Afirmando que apenas um desses insetos valia mais do que toda a Montedison, o maior símbolo nacional de prosperidade, Pasolini indicaria a ambiguidade metafórica dos vaga-lumes: “quanto a mim (se é que isso pode interessar o leitor), uma coisa é clara: eu daria a Montedison inteira [...] em troca de um único vagalume” (PASOLINI, 2020, p. 169).

Como vimos, para o escritor de *Frères Migrants*, os vaga-lumes representam mais que a potência perdida que assinalou Pasolini (2020), na verdade, servem como indício de uma presença poética e misteriosa, da esperança a espreitar o horror. Também ao término do seu livro, e sem renunciar ao diálogo com Pasolini, o autor reforça a visão alegórica dos insetos e declara a função de seus vaga-lumes.

Irmãos migrantes, que vivem o mundo, que o vivem bem antes de nós, irmãos de parte alguma, ó irmãos caídos, despidos, retidos e detidos em todos os lugares, os poetas declaram em seu nome que o querer comum contra as forças brutas se nutrirá de pequenos impulsos. [...] Que a felicidade de todos cintila no esforço e na graça de cada um até nos desenhar um mundo em que o que derrama e transborda das fronteiras se transforma ali mesmo, nos dois lados do muro e de todas as barreiras, em cem vezes cem vezes cem milhões de vaga-lumes! – um só para manter a esperança ao alcance de todos, os outros para garantir a amplitude dessa beleza contra as forças contrárias. (CHAMOISEAU, 2017, p. 84, tradução nossa)<sup>18</sup>

Assim, ao tratar da problemática da imigração e dos acidentes nas embarcações de transporte ilegal, *Frère Migrants* abre o debate sobre as diásporas contemporâneas, cujas feridas encontram-se expostas desde o despontar do século XXI. Para o autor, a subjugação do humano e dos modos de subsistência da vida em favor do ganho financeiro de pequenos grupos é um tema que solicita da arte o trabalho de reconstrução de subjetividades. Nesse sentido, é evidente que escrita literária e memória diaspórica se entrelaçam pela constituição não somente de uma tradição artística, mas, em se tratando da literatura antilhana, trata-se de afirmar uma sensibilidade identitária que ecoa na temática da imigração.

---

<sup>18</sup> “Frères migrants, qui le monde vivez, qui le vivez bien avant nous, frères de nulle part, ô frères déçus, déshabillés, retenus et détenus partout, les poètes déclarent en votre nom que le vouloir commun contre les forces brutes se nourrira des infimes impulsions. [...] Que le bonheur de tous clignote dans l’effort et la grâce de chacun, jusqu’à nous dessiner un monde où ce qui verse et se déverse par-dessus les frontières se transforme là même, de part et d’autre des murs et de toutes les barrières, en cent fois cent fois cent millions de lucioles ! – une seule pour maintenir l’espoir à la portée de tous, les autres pour garantir l’ampleur de cette beauté contre les forces contraires” (CHAMOISEAU, 2017, p. 84).

Com Chamoiseau, é possível refletir sobre os meios que a escrita tem, entre o poético e o denunciativo, para proclamar o papel da arte como viés de interferência nas dinâmicas que envolvem o jogo político. Tendo em vista a situação de indignação do imigrante e conectando passado e presente, o *poeta-migrante* de Chamoiseau é aquele que toma a palavra e declara “para cada indivíduo uma solidariedade ardente e multiforme” (CHAMOISEAU, 2017, p. 75)<sup>19</sup>.

## Referências

CÉSAIRE, A. *The complete poetry of Aimé Césaire*. Bilingual Edition. Middletown: Wesleyan University Press, 2017.

CHAMOISEAU, P. *Frères migrants*. Paris : Edition du Seuil, 2017.

DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GLISSANT, Edouard. *Philosophie de la Relation: poésie à l'étendue*. Paris: Gallimard, 2009.

GLISSANT, Edouard. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

GLISSANT, Edouard. *Traité du Tout-monde: Poétique IV*. Paris, Gallimard, 1997.

PASOLINI, Pier Paolo. *Escritos corsários*. Trad. Mari Betânia Amoroso. São Paulo: Editora 34, 2020.

*Recebido em: 28/02/2021*

*Aprovado em: 02/04/2021*

---

<sup>19</sup> “Pour chaque individu. / Une solidarité ardente et multiforme” (CHAMOISEAU, 2017, p. 75).